Marcia Amantino, Eliane Cristina Deckmann Fleck,
Carlos Engemann (orgs.)

A COMPANHIA DE JESUS NA AMÉRICA POR SEUS COLÉGIOS E FAZENDAS

Aproximações entre Brasil e Argentina (século XVIII)

Copyright © dos autores

Direitos cedidos para esta edição à
Editora Garamond Ltda.
Rua Candido de Oliveira, 43/Sala 101 - Rio Comprido
Rio de Janeiro - Brasil - 20.261-115
Tel: (21) 2504-9211
editora@garamond.com.br

Revisão
Alberto Almeida

Editoração Eletrônica
Editora Garamond

Capa
Estúdio Garamond
Sobre ilustração de *Morro do Castelo com a Praça do Palácio e a Praça de Mercado.*
Biblioteca Nacional do Brasil Schutz, Jan Frederik, 1817-1888

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C73
A Companhia de Jesus na América por seus colégios e fazendas : aproximações entre Brasil e Argentina (século XVIII) / organização Marcia Amantino, Eliane Cristina Deckmann Fleck, Carlos Engemann. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Garamond, 2015.
256 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 9788576174233

1. Jesuítas - América do Sul. 2. Brasil - História - Século XVIII. 3. Argentina - Historia - Século XVIII. I. Amantino, Marcia. II. Fleck, Eliane Cristina Deckmann. III. Engemann, Carlos.

15-26350

CDD: 271.5
CDU: 27-789.5

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A arquitetura dos colégios jesuíticos de Córdoba e Rio de Janeiro. Um estudo comparativo

Carlos A. Page

Breve introdução

Poucos anos após a aprovação canônica da Companhia de Jesus, em 1541, seis jesuítas, tendo o P. Manuel de Nóbrega como superior, zarparam de Lisboa rumo à América em 1549. Vieram na frota do primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza, que promoveu as Ordenanças do rei lusitano João III sobre o apostolado com os índios, através dos "aldeamentos" (OLIVEIRA MAIA, 2008). Assim se iniciou juridicamente em 1553 a província jesuítica do Brasil e se fundou a aldeia de Piratininga (hoje São Paulo), instituindo no ano seguinte o Colégio de São Paulo, em coincidência com a morte dos primeiros mártires na América, os coadjutores Pedro Correia e João de Souza. A partir de 1557, com o apoio do governador Mem de Sá, essas "aldeias" se expandiram pela Bahia, chegando a onze em poucos anos, e se tornaram as primeiras aldeias missionárias com participação dos jesuítas, mas sem muito sucesso. Essa tentativa, porém, deu experiência aos missionários que foram pacientemente absorvendo as práticas dos jerônimos em Santo Domingo, dos franciscanos, dominicanos e agustinos em todo o continente, e de uma complexa legislação específica, que surgiu com Nicolás de Ovando, primeiro governador das Índias espanholas, e vai até Francisco de Toledo do Peru (PAGE, 2012, p. 9-36).

Enquanto isso, o padre Nóbrega insistia no Brasil com o segundo prepósito geral Diego Laínez (1558-1565), dizendo que era necessário ter colégios para formar professores e para isso faziam falta recursos econômicos. Desta maneira se conseguiu a fundação régia dos colégios da Bahia (1564), Rio de Janeiro (1566) e Pernambuco (1574). Foram

concedidos 20.000 réis por ano para os quarenta religiosos da Bahia e trinta nos outros dois (LEITE, 1938, T. 1, p. 391-440 e 1949, T. VIII, p. 22).

A chegada de jesuítas à América hispânica tardou um pouco mais, e nem mesmo o próprio Santo Inácio pôde ver concretizado esse desejado projeto, levado adiante pelo geral São Francisco de Borja (1565-1572). Corria o ano 1566 quando os padres Pedro Martínez, Juan Rogel e o catequista Francisco Villarreal chegaram às costas de La Florida. O primeiro, como superior, foi protomártir jesuíta hispano-americano,[5] mas frente à adversidade os jesuítas continuaram enviando novas expedições, levando seu apostolado até o Potomac. A posterior morte de nove missionários fez os inacianos desistirem dessa missão.

Voltaram à América em 1567, com o padre Jerónimo Ruiz de Portillo como provincial das Índias Ocidentais, junto com outros sete jesuítas provenientes de diversas províncias espanholas. Chegaram a Lima no ano seguinte e abriram o colégio de São Paulo, enquanto entre 1570 e 1605 foram criadas outros colégios e as aldeias ou paróquias de Huarochiri, do Cercado e Juli, na chamada província do Peru, que abrangia do Panamá à Terra do Fogo.

Não era pequeno o interesse de São Francisco de Borja pela América, e ele continuou se empenhando em mandar jesuítas também para a Nova Espanha. Ali chegou em 1572, com quinze companheiros, o novo provincial padre Pedro Sánchez de Canales. No ano seguinte fundaram o colégio de San Pedro y San Pablo, que se tornou o mais importante centro de estudos de humanidades, filosofia e teologia.

Foram essas as primeiras correntes evangelizadoras jesuítas na América, e depois se espalharam para outras regiões que foram designadas como novas províncias da Assistência da Espanha (Nova Granada, Paraguai e Chile), criando inúmeros centros educativos e missionários que tiveram uma enorme influência na história colonial de todo o continente. Com acertos e desvios em seu trabalho, e também com desigualdades, mas com uma profunda vocação de renúncia e entrega ao outro, eles sempre tiveram apoio das monarquias ibéricas, até serem coroados José I de Portugal e Carlos III da Espanha. O primeiro os expulsou de maneira gradual, entre 1755 e 1760, e o segundo entre 1767 e 1768, sendo todos deportados para os Estados Pontifícios até a supressão canônica de 1773.

5 O padre Martínez tinha então 33 anos e era oriundo de Teruell. Partiram de Sanlúcar em 28 de junho de 1566, fazendo escalas nas Canárias, Cuba, Porto Rico e La Florida, onde não conseguiram encontrar o porto de Santa Elena, desembarcando em Tacatacuru (hoje ilha de Cumberland, Georgia) e depois em Alimacani (hoje ilha de Fort George), onde o jovem jesuíta, chegando à costa num bote com uns poucos marinheiros, foi atacado e morto em 6 de outubro.

Os domicílios urbanos e o *"modo nostro"*

Entre a chegada dos primeiros jesuítas e a sua expulsão transcorreram pouco mais de dois séculos, nos quais os inacianos construíram inúmeros prédios que poderíamos classificar genericamente como colégios em cidades hispano-lusitanas e aldeias missionárias, para atingir seu objetivo pastoral: educação e evangelização. Mas isto seria limitar muito a análise, pois também construíram edificações diversas nas cidades, com certas similitudes mas com funções diferentes, próprios para suas atividades. Só havia um Colégio Maior (universidade) na capital de cada província, e diversos Colégios Menores (ensino de gramática) em quase todo o resto das cidades. Quando não se chegava à categoria destes últimos, faziam-se prédios similares que chamavam de Residências. Mas o centro administrativo do Instituto contava por sua vez com Casas Professas para os sacerdotes que haviam feito seu quarto voto de obediência ao Papa, Noviciado para os jovens ingressantes, Dormitório para os estudantes universitários que não tinham residência na capital, Casas de Exercícios para leigos (homens e mulheres), residências de mulheres, ofício de missões que, de Buenos Aires, Santa Fé e Assunção administravam os produtos das aldeias, complexos residenciais para africanos, que também possuíam em suas estâncias rurais, com oficinas e igrejas para o culto. Por outro lado, as aldeias são um sistema muito mais complexo porque se configuram como centros urbanos, com uma identidade forte e tipologias arquitetônicas também próprias ou similares, adaptadas à função urbana que cumpriam.

Com toda essa grande variedade de "domicílios" (rodríguez de ceballos, 2002), diversificados em decorrência de uma intensa atividade pastoral, ainda ouvimos falar de uma "arquitetura jesuítica" ou

relacionar a Contrarreforma com o barroco, e até considerar o *il Gesù* como modelo de suas igrejas. Pois nada mais afastado destas questões – formuladas primeiramente por Benedetto CROCE (1929), que identificou o triunfo do barroco com o jesuitismo. Posição superada tanto por Pierre MOISY (1951) e Galassi PALUZZI (1958), seguindo o padre Joseph BRAUN (1913), que defenderam a hipótese da não existência de um estilo jesuítico relacionado ao barroco e este com a arte da Contrarreforma. Mas observaram a clara diversidade regional que sem dúvida evidenciava certa unidade e foi reafirmada mais recentemente por Richard BÖSEL (1985) e RODRÍGUEZ DE CEBALLOS (2002).

O barroco, nas nações latinas, e mesmo na Alemanha católica, foi sem dúvida a exaltação do catolicismo sem uma ruptura total com o Renascimento. Pio Pecchiai, ao estudar *il Gesú*, em 1952, questionou a existência de uma arte jesuítica que nem sequer se relaciona com a barroquização da famosa igreja romana surgida com as pinturas e estuques do jovem Giovanni Battista Gaulli, junto com a capela e o sepulcro de Santo Inácio do jesuíta Andrea Pozzo.[6] Reformas impostas a partir do geral padre Juan Pablo Oliva (1664-1681), que se prolongaram nos mármores do século XIX e transformaram sua estética original manierista. Pois sua origem parece ser a insistência de São Francisco de Borja a Vignola, de seguir o desenho funcional da igreja colegiada de Gandía, onde os duques de Borja eram seus protetores. Um modelo gótico renascentista que se adaptaria, para receber a pomposa decoração do barroco e se espalhou entre as ordens reformadas dedicadas à pregação e à pobreza (franciscanos, dominicanos e outras).

Tanto os colégios como as residências se localizavam em pontos preferenciais do traçado urbano e se compunham de duas áreas fundamentais: uma ampla igreja para uso público e um claustro, geralmente dividido em um setor para ensino, atos acadêmicos e disputas escolásticas, e outro para moradia, submetido a certa clausura canônica; diferenciada dos sacerdotes, coadjutores e até dos noviços, quando

6 O genovês Gaulli era discípulo de Bernini e foi por intercessão deste que foi escolhido para as pinturas de toda a cúpula, com suas lanternas e penachos, a abóbada central, janelas e tetos do transepto. A abóbada foi exposta no Natal de 1679, mas ele continuou pintando até 1685. Já o jesuíta Pozzo, teórico do barroco e também professor da técnica ilusionista que Gaulli usava, destacou-se notavelmente na igreja de Santo Inácio.

não tinham prédio próprio, mas com sua capela exclusiva, além de um ingresso diferenciado. Justamente a entrada a todo o complexo arquitetônico era feita pelo átrio que presidia a igreja, muitas vezes aberto numa Praça Menor. Havia comunicação entre os claustros, pois às vezes compartilhavam espaços comuns como o refeitório, os "lugares comuns" (banheiros-lavatórios), biblioteca. Desta última, podia haver uma no Noviciado, outra no Colégio e outra na residência dos sacerdotes e coadjutores do colégio. Também havia algumas salas destinadas a reuniões das tão difundidas congregações e outras à prática dos Exercícios, até começarem a ser construídos edifícios especiais para esta função no século XVIII. Não faltava um setor para horta e moradias de escravos, onde poderia haver adegas, ferraria, marcenaria e demais oficinas com tais características.

Alguns colégios tinham uma quinta de lazer localizada nos subúrbios ou no campo, como o de Córdoba teve a "quinta de Santa Ana", e até mesmo na Espanha, como a de "Jesus do Monte" em Alcalá de Henares, entre outras.

Prosseguindo esta descrição funcional, chegamos à já mencionada confusão do "estilo jesuítico" dos que estudam o barroco e o relacionam com o Instituto que, recordemos, nasceu no século XVI, e a principio suas fórmulas estéticas se acomodaram ao Renascimento. Tampouco é correto relacionar essa linguagem com a Contrarreforma do catolicismo que se deu no Concílio de Trento, por mais que os jesuítas tivessem ampla participação nela.

Assim, os jesuítas não tiveram um "estilo" próprio porque nunca houve uma vontade de impô-lo uniformemente em suas construções, nem geraram instruções especiais para fazê-lo. Nem mesmo nas Constituições, escritas por Íñigo de Loyola, são mencionadas particularidades construtivas para seus espaços, que simplesmente deviam exprimir humildade. Entretanto, a primeira Congregação Geral de 1558 afirma esta ideia com o enunciado:

> Imponha-se aos edifícios das casas e colégios o modo que *nos é próprio* de maneira que sejam úteis, saudáveis e fortes para habitar e para o exercício de nossos ministérios, nos quais, porém, sejamos conscientes

da nossa pobreza, por isso não deveriam ser suntuosos, nem curiosos. (RODRÍGUEZ DE CEBALLOS, 2002, p. 22)[7]

A partir de então aparece a ideia do "*modo nostro*" (o que nos é próprio), circunscrito a uma ideia funcional e não a um estilo artístico que, pelo contrário, estava distante do luxo e da decoração do classicismo e do maneirismo renascentista imperantes.

Para cumprir esse preceito, a segunda Congregação Geral de 1565 estipulou que se remetessem, para aprovação do Prepósito Geral em Roma, as plantas dos projetos edilícios a construir. A máxima autoridade jesuíta enviava esses projetos a pessoal idôneo (*consiliaris aedificiorum*)[8] para que assegurar o cumprimento dos requisitos de utilidade, salubridade, orientação e, sobretudo, austeridade. Mas até então nada se diz sobre o morfológico, ou seja, cada nação e região ficava em liberdade quanto à ornamentação dos prédios de seu uso.

BÖSEL (2010, p.39-69) chama este sistema operacional ou modo de proceder de *ratio aedificiorum*, ou seja, um sistema regrado e centralizado pela casa do geral no qual os experientes arquitetos e professores de matemática do colégio romano interagiam com as propostas dos arquitetos, construtores e até missionários bem formados em artes, que viviam ali e conheciam o meio local. Embora houvesse respeito pelas exigências pós-tridentinas quanto à distribuição de altares, púlpitos, confessionários e tribunas, deu-se uma adaptação às tradições locais e não uma imposição de modelos.

No final da gestão do geral de Everardo Mercuriano (1573-1580), houve uma tentativa fugaz das províncias espanholas, que solicitaram a Roma que sugerisse um modelo arquitetônico. Mas não teve muito êxito, apesar de o conselheiro edilício padre Giovanni Battista de Rosi

7 *Decreta primae et secvndae congreg. generalis societatis iesv. Et Canones secundae.* Romae: in Collegio Societatis Iesv, 1568 (RODRÍGUEZ DE CEBALLOS, 2002, p. 22)

8 Nos primeiros tempos, foram os arquitetos maneiristas Giovani Tristano (1515-1575) e Giuseppe Valeriano (1542-1596). Ambos foram mandados para Roma, o primeiro em 1556; sendo conselheiro do geral entre 1558 e 1575, foi quem impôs as igrejas de uma única nave em cruz latina, seguido depois por Vignola. O segundo trabalhou na Espanha e voltou para Roma, onde projetou o Colégio Romano, os de Nápoles e Gênova, entre outros, e também pintou igrejas como a capela de Santa María della Strada em Roma. Também foi enviado à Baviera, colaborando com Sankt Michael em Munich.

ter proposto variantes de igrejas: "um templo de planta em cruz latina com três naves e cruzeiro, ou seja, basilical, dois de planta centralizada, respectivamente circular e elíptica, e três de uma nave única com ou sem capelas adjacentes" (RODRÍGUEZ DE CEBALLOS, 2002, p. 27). Mas, se na Europa não era nada habitual entre os jesuítas construir igrejas basilicais, como recomendavam São Carlos Borromeo e outros, na América e entre os guaranis foram erguidas até de cinco naves.

Os jesuítas europeus preferiam templos de uma única e ampla nave por uma questão funcional, pois atendem melhor aos seus ministérios e os próprios da Contrarreforma, como a pregação e a administração dos sacramentos. Somavam-se colégios para ensino e residência dos jesuítas.

Com esta característica chegou-se a formar uma interessante coleção de planos que, embora limitada a pouco mais de um milhar, se conserva na Biblioteca Nacional da França, e seu catálogo foi publicado em 1960 por Jean Vallery-Radot com uma minuciosa introdução. Da Assistência da Espanha na América só se conservam planos das províncias do Peru (Colégios de Huamanga, Lima e Sucre), México (Puebla), e Chile (Santiago). Nada do Paraguai nem de Nova Granada. Da Assistência de Portugal se conserva, do Brasil, somente o do Rio do Janeiro, que Vallery-Radot não publica e cujo original, um bico de pena de 26x41cm, tem a inscrição "*Descriptio Collegii fluminis Januarii*", sendo uma planta que não foi construída, como veremos depois (Fig. 1).

Uma outra coleção de planos, embora muito menos pretensiosa, foi encontrada pelo Furlong no Colegio de la Imaculada em Santa Fé (Argentina). São apenas dezesseis plantas, mas, com exceção da igreja de San Ignacio de Buenos Aires, do colégio e igreja de Córdoba, duas do colégio de Montevidéu que não chegaram a ser construídos e um projeto apenas reformado de Quito, trata-se de localidades espanholas. Isto se deve possivelmente ao fato de constituírem uma coleção copiada pelo professor de obras H. Antonio Forcada,[9] antes de sair da Espanha, para lhe servirem de modelo. Mas os planos se dispersaram ou perderam,

9 O coadjutor Antonio Forcada nasceu em Núñez de Ebro, Zaragoza, em 1701, chegando à província de Aragón em 1735. Foi para Buenos Aires na expedição do P. Diego Garvia, em 1745, professando seus últimos votos em Córdoba, em 1749. Faleceu na aldeia de San Ignacio Miní em 1767, antes da chegada dos soldados que conduziriam os jesuítas para o desterro (STORNI, 1980, p. 104). Embora se dedicasse à arquitetura, não se pode determinar com

embora por sorte tenham sido publicados (FURLONG - BUSCHIAZZO, 1943, p. 450-471), e só achamos o de Córdoba, propriedade do Museu Jesuítico de Jesus María naquela província argentina (Fig. 2).

Na época do sexto geral Mutio Vitelleschi (1615-1645), o gosto barroco começou a se impor lentamente, e com isso houve uma tendência a buscar efeitos visuais provocados por ornamentos custosos que representavam a Igreja triunfante. Seu sucessor, o P. Vicente Caraffa (1646-1649), era contra esse luxo, até o governo do mencionado padre Juan Pablo Oliva (1664-1681). Basta dizer que ele era amigo pessoal de Bernini, o que o deixava numa situação de sensibilidade especial pela estética barroca, como demonstram seus escritos. Transgressão que ele justificou reinterpretando que o "*modo nostro*" se referia às residências e não aos templos, os quais deviam alcançar a onipotência eterna de Deus com tanta pertença de glória como se pudesse obter (PAGE, 1999, p. 48). Por isso, os projetos enviados a Roma logo tiveram que ser acompanhados pela ordem arquitetônica e os ornatos que teriam. Não havia intenção de favorecer a ostentação mas, pelo contrário, de regulá-la, pois os ricos benfeitores que davam dinheiro para a construção das igrejas competiam caprichosamente entre si para ver quem adornava os templos com mais riquezas decorativas. Na América, sem dúvida, esta condição vai depender das economias regionais, nas quais nem sempre havia "fundadores" ou benfeitores que contribuíssem para a criação de um colégio, embora fosse fundamental e requisito imposto nas Constituições.[10]

Esta expansão da arte barroca, que começa um pouco antes do início do século XVIII na gestão do padre Oliva, nem sempre será ser linear. E terá seus críticos na América, como o temperamental geral Miguel Ángel Tamburini que não se cansava de ordenar que sejam austeros nas construções. Assim, por exemplo, escrevia contundentemente em 1713:

> De que serve, senão para mostrar uma grande falta de pobreza e igual vaidade, um pátio de 300 pés geométricos em quadrado, um refeitório de 50 passos, dourado o teto, quarenta degraus de aterro, e isto quando não foram feitos, segundo o mandado do rei, casas para que vivam os índios?

Então repete a ordem, determinando que daí por diante: "as fábricas novas que se fizerem, observe-se a religiosa moderação, para que em caso de ser visitadas as Doutrinas, nada se encontre que desdiga de muito estado" (PAGE, 2013, p. 279-180).

Os colégios do Rio de Janeiro e Córdoba

Diferentes situações jurídicas deram início a duas instituições educativas. Os jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, mas só em 1553 criaram a província com sua primeira casa na Bahia, onde no final do século se criou o curso de humanidades, ou seja, filosofia (três anos) e teologia (quatro anos), e embora tenham solicitado em Roma autorização para outorgar o título de doutor, esta não foi concedida. Já o colégio do Rio de Janeiro foi iniciado pelo segundo provincial Luís de Grã, em 1567, com apoio do governador, que escolheu um lugar adequado onde havia uma antiga capela de taipa, e mandou construir aposentos de pedra e barro com piso, para servirem de albergue provisório. Ficou como reitor o P. Nóbrega, que teve um difícil trabalho frente ao assédio de franceses e tamoios.

O colégio de Córdoba começou de maneira similar: primeiro chegam os jesuítas e instalam sua residência onde havia uma ermida, em 1599, mas esta só passou à categoria de colégio mediante um processo que continua com seu estabelecimento efetivo na província em 1607. Mas, diferentemente do colégio do Rio de Janeiro, o de Córdoba será o centro de estudos da sede da província do Paraguai e, como tal, Colégio Máximo. Em sua formação, e devido aos recursos escassos dos primeiros tempos, seus alunos iniciaram o Noviciado e depois o completaram com o curso de humanidades. Mas só puderam obter o titulo de doutor com o Breve Pontifício de Gregório XV e as Reais Cédulas de 1621 e 1622, que autorizavam os bispos a outorgar graus

exatidão em que obras trabalhou. Nem todos os seus projetos eram para ser construídos, muitos eram para servir como modelos, não sendo necessariamente projetos dele.

10 Por exemplo o Colégio do Córdoba não teve "fundador", termo aplicado a quem patrocinava com dinheiro suficiente a construção do edifício e sua manutenção. O bispo Trejo prometeu fundá-lo, mas sua morte deixou a doação sem cumprir e o provincial teve que se conformar com outras doações menores de "benfeitores" e criar estâncias para a manutenção.

acadêmicos a quem estudasse por cinco anos nos colégios dos jesuítas das Filipinas, Chile, Tucumán, Rio da Prata e Nova Granada. Em vista disso, o provincial Pedro de Oñate (1615-1623) ditou as primeiras *Ordenações*, esclarecendo que a instituição não devia ser chamada de universidade, embora instituísse os graus de bacharel, licenciado e mestre em filosofia, e licenciado e doutor em teologia. Foi somente em 1664 que o padre Andrés de Rada redigiu as elaboradas Constituições que deram existência ao que denominou Universidad de San Ignacio de Loyola, aprovadas pela Real Cédula de 13 de Fevereiro de 1680 de Carlos II, o último rei da Casa de Áustria (CONSTITUICIONES, 1947).

Os dois colégios, embora com identidades diferentes, tiveram a particularidade de respeitar em seus projetos arquitetônicos as normas impostas por Roma, pois é inegável que a Itália teve um papel preponderante na arquitetura do período jesuítico e portanto a Companhia de Jesus exerceu sua influência institucional sobre as arquiteturas regionais.

Mas, assim como houve diferenças nos traçados em voga em Portugal ou na Espanha, aqui elas se acentuaram principalmente pela topografia das duas localizações. O colégio do Rio de Janeiro começou junto com a transferência da cidade realizada por Estácio de Sá, em 1567, do ponto localizado entre os morros Pão de Açúcar e Cara de Cão para o Morro do Castello (Fig. 3). Sua topografia elevada exigiu uma construção em vários níveis e etapas, como demonstrou o levantamento do século XIX que MONTEIRO DE CARVALHO (1992, p. 52-57) menciona e reconstrói. Mas antes desse projeto se delineou um outro, ordenado pelo visitador padre Cristóvão de Gouveia (1583-1587), sendo reitor o P. Inácio Tolosa, que não foi executado devido ao alto custo de cortar o morro. Pois não se havia pensado na topografia, desenhando como se fosse um lugar de planície, como no caso do colégio de Córdoba. Conservou-se esse projeto que, como bem infere Paulo Santos, depois foi utilizado para a igreja "da Graça do Colégio de Olinda, dada a semelhança das duas plantas" (MONTEIRO DE CARVALHO, 1992, p. 82). Após sua passagem pelo colégio, o P. Gouveira deixou estas impressões do mesmo:

> Os padres têm aqui o melhor sitio da cidade; tem grande vista com toda esta enseada defronte das janellas: tem começado o edifício novo, e tem já 18 cubículos de pedra e cal que não dão vantagem aos de Coimbra, antes lha levam na boa vista; são forrados de cedro; a igreja ó pequena, de taipa velha; agora se começa a nova de pedra e cal, todavia tem bons ornamentos com uma custodia de prata dourada para as endoenças, uma cabeça das onze mil virgens, o braço de S. Sebastião com outras relíquias, uma imagem da Senhora de S. Lucas. A cerca é cousa fermosa; tem muitas mais laranjeiras que as duas cercas de Evora, com um tanque e fonte; mas não se bebe delia por a água ser salobra; muitos marmeleiros, romeiras, limeiras, limoeiros e outras fructas da terra (CARDIM, 1847, p. 95-96).

O Colégio do Rio de Janeiro chegou a ser, no século XVIII, o mais rico da província.[11] Mas, tal como o de Córdoba e a maioria dos americanos, os primeiros estabelecimentos e igrejas jesuíticas foram erguidos de maneira muito precária e pouco a pouco ampliaram suas terras mediante doações ou compras e acabaram sendo substituídos ou suas construções melhoradas, em praticamente todos os casos, até a expulsão.

Levou-se em conta sua funcionalidade, com o pátio central que era a base imposta nas mesquitas árabes primeiro e nos conventos medievais, depois (claustros beneditinos e pátio dos palácios renascentistas). A partir do pátio se estendem os diversos aposentos com funções específicas, e quando se faziam necessárias outras, um novo pátio anexo voltava a articular o esquema. Foi desta maneira que o arquiteto jesuíta Giovanni Tristano construiu o Colégio Romano que de certa maneira

11 O colégio de Rio de Janeiro, contava em 1757 (pouco antes da expulsão) com dois engenhos próximos à cidade, chamados "Engenho Velho" e "Engenho Novo". Um com 148 escravos e outro com 200, e estava construindo um terceiro. Tinha também duas consideráveis estâncias dedicadas à cria de gado, uma chamada "Santa Cruz", com 740 escravos e mais de 10.000 cabeças de gado, e a dos "Campos Goitacazes", com 820 escravos, 16.500 cabeças de gado e 4.500 cavalos. Outras duas estâncias menores eram a de "São Francisco Xavier" e a de "Campos Novos". Uma dedicada à agricultura mas com 1.500 cabeças de gado e 190 escravos, e a outra ao cultivo da mandioca com 223 escravos. Além disso, administrava duas "aldeias", a de Itaguaí localizada no lado ocidental da baía de Guanabara e a de São Pedro ao norte da capitania (BNB, *Ofícios a Tomé Joaquim Costa Corte Real, Custódio da Silva Salasar (...) tratando de assuntos referentes à reclusão, sequestro de bens e expulsão dos jesuítas do Rio de Janeiro e demais capitanias subordinadas a seu governo (12/11/1759; 10/03/1761)*. Documentos sobre a expulsão dos jesuítas do Rio de Janeiro e outros lugares. Localização no arquivo: 05,03,05).

tornou-se um modelo. O colégio do Rio de Janeiro tinha um pátio e o de Córdoba quatro, com a particularidade de terem uma dupla galeria, passagem ou corredor circundando em alguns setores, exceto no quarto pátio, hoje desaparecido junto ao terceiro, que se localizava ao fundo à esquerda e era o lugar da administração provincial.

Entre as "oficinas" que se destacam de ambos os colégios, além de salas de aula e aposentos dos sacerdotes e coadjutor, cabe mencionar a farmácia, que geralmente era a única da cidade e portanto de uso interno e externo ao colégio. O refeitório também constituía um núcleo que incluía, nos dois casos, despensa e cozinha; sem dúvida um lugar de encontro onde também se aprendia e se meditava.

É importante mencionar que, assim como o colégio do Rio de Janeiro só possuía três quartos para *"serviçais"*, o de Córdoba tinha um complexo para 323 escravos na época da expulsão, que incluía ferraria, marcenaria, sala de tear ou costura, padaria e outras dependências deste tipo (Fig. 4). Também no mesmo lugar, composto por dois quarteirões e conectado com o colégio, localizava-se o Noviciado com sua capela. Mas na cidade de Córdoba os jesuítas contavam com outros imóveis, como a Residência de Monserrat, localizada na rua lateral da igreja, onde moravam uns vinte estudantes. Em frente ao templo se encontrava a casa das beatas e a poucas quadras a Casa de Exercícios, originalmente construída para Noviciado e da qual hoje só foram recuperados restos arqueológicos (PAGE, 2013).

As igrejas

A arquitetura modélica do *Il Gesù* (1568-1577) pouco atraiu a atenção lusitana, que erguera antes igrejas como a do Colégio do Espírito Santo em Évora (1557-1574) e a Casa Professa de São Roque em Lisboa (1566) (SANTOS, 1963, p. 515-569), considerada a primeira igreja jesuítica em solo português, do arquiteto Alfonso Alvarez e do italiano Felipe Tersi (Fig. 5). Ambas de nave única e com capelas laterais intercomunicadas, sobre as quais se localizavam tribunas, tendo a primeira uma coberta abobadada e a de São Roque, plana. Exteriormente, embora nenhuma das duas tenha torre-campanário, a de Évora é presidida por um pórtico que não encontramos em qualquer outra igreja portuguesa, enquanto a de São Roque foi adicionada depois do terremoto de 1755. A fachada desta última também é similar à de São Paulo de Braga, iniciada em 1567, mas muito mais modesta em sua planta, onde as capelas laterais são substituídas por nichos e o teto é de madeira. Este modelo influiu diretamente nas primeiras igrejas jesuíticas do Brasil.

Uma delas foi a do colégio dos São Vicente, já começado em 1559, portanto antes das peninsulares, com uma tipologia que se tornou familiar: uma única nave com teto liso, mais uma fachada coroada por um frontão e uma torre geralmente localizada entre a igreja e o colégio, organizado a partir de um pátio. Foi também assim que se constituiu a residência de Nova Almeida no final do século XVI. Outro que se conservou foi o colégio de Olinda, iniciado em 1550 e reedificado em 1584 com uma igreja similar, mas com transepto e capelas laterais pouco profundas. A fachada sóbria e elegante se assemelha à simplicidade da de Braga (1567-1589) (Fig. 6).

Rio de Janeiro e São Paulo são similares a essa primeira e bem definida etapa de projeto e seguirão o modelo de São Roque e Braga com a adição de uma torre baixa, com exceção de algumas, mais tardias.

A do colégio carioca foi iniciada em 1583, como informou algum tempo depois nas Anuas o provincial P. Antônio de Matos (1617-1621). Mas se refere a um prédio novo, pois a primeira e muito precária igreja foi construída em 1567 por Mem de Sá que, na Carta Anua do seu tempo, afirma que é "pequena é velha es a oficinas, ainda que estão bem acomodadas, são mui velhas". Paredes de taipa e estrutura de madeira foram os primeiros materiais utilizados, porque havia dificuldades para conseguir cal e certamente mão de obra. Mas mesmo assim foi inaugurada no Natal de 1588 (MONTEIRO DE CARVALHO, 1992, p. 55 e 63).

A igreja de uma só nave era a opção tradicional, adotada no Brasil pelos jesuítas, com o coro acima do nártex, novidade que deriva neste caso da igreja de San Lorenzo del Escorial. Seu interior é um grande salão do qual foram suprimidos o cruzeiro e as capelas laterais tradicionais; só se destacam o altar maior e outros dois flanqueando o presbitério. Havia um púlpito elevado para a retórica dos sermões. O teto era artesoado com vigas de madeira.

A fachada é resultado de um maneirismo severo, implantado por Tersi em São Roque de Lisboa, com uma composição lisa. Com a simplificação, destaca o granito das pilastras para neutralizar a horizontalidade de entablamento e tímpano. Possui uma torre de seção quadrangular. Lúcio COSTA (2010, p. 139) diz que o projeto previa uma segunda torre, que funcionava como símbolo da ascensão e ao mesmo tempo como observatório ou atalaia, e tinha um coroamento piramidal à maneira das igrejas portuguesas medievais (Fig. 7).

Foi proposta a construção de uma nova igreja em 1724 pelo reitor P. Luiz de Carvalho (1724-1727), justamente ante o crescimento econômico da cidade, cujo porto era o principal do Brasil e se perfilava a partir de então como futura capital do vice-reinado (o que ocorreu em 1763). Começou-se a cortar o morro, mas a obra só pôde ter início 20 anos depois. Efetivamente, no primeiro dia de 1744 colocaram a pedra fundamental, com a presença do governador, o conde de Bobadela, que ofereceu pedras e pólvora para sua extração (MONTEIRO DE CARVALHO, 1992, p. 59). Não se sabe quem foi o projetista, mas as Cartas Anuas de 1748 mencionam o arquiteto e canteiro Francisco Rego, Caminha e H. Inácio da Silva, embora provavelmente o projeto tenha sido enviado de Roma. Essa igreja teria uma nave e três amplas capelas de cada lado, comunicadas entre si. Mas as obras logo depois se suspenderam e jamais foram concluídas devido à expulsão em 1759dos jesuítas, cujo espólio continuou até 1922, quando foram demolidos os últimos muros (Fig. 8).

Tanto no Rio do Janeiro como em Córdoba e em todos os colégios jesuíticos, a igreja era o tema principal do conjunto. E no terreno irregular do Rio de Janeiro foi situada no lugar mais alto.

Embora o modelo de planta em cruz latina usado em Córdoba fosse muito comum, não foi o que se empregou nas capelas anexas aos lados da nave e em toda a sua longitude. Na série dos mencionados planos de H. Forcada há um projeto para o colégio de Montevidéu, não realizado, no qual a planta da igreja tem esta singularidade.

Está provado que as duas capelas laterais – a dos espanhóis, dedicada à Assunção da Nossa Senhora e localizada do lado do Evangelho, e a dos índios ou negros, dedicada ao Menino Jesus no lado da Epístola – são contemporâneas ao templo, embora talvez tenham sido incluídas no projeto uma vez começada a planta. Por isso o padre reitor solicitou ao Conselho autorização para avançar "cinco pés" sobre a calçada. Os muros continuaram sendo construídos de forma conjunta, e assim temos informação das diferentes etapas, com a inclusão de "pedras sapo" como a localizada no cruzeiro com a data incisa de 1666, a abside de 1668 (estas duas transferidas no século XX) e as torres de 1673 e 1674. Todos os muros chegaram à altura requerida e ao mesmo tempo a nave com suas capelas foram cobertas com telhas em duas águas. Mas eis que surge um ponto fundamental, que é o sistema construtivo desse teto com uma abóbada interna.

De fato se usou para sua construção o tratado de Philippe Delorme, um famoso arquiteto francês cujo desenho foi empregado em outras igrejas jesuíticas na região do Paraguai (PAGE, 2011). Esse livro se encontrava na biblioteca do colégio e seu sistema construtivo permitia fazer uma abóbada com pouca mão de obra, mas com a leveza decorrente de evitar contrafortes para uma abóbada de tijolos (Fig. 9). E isto foi determinado desde o princípio pelo projetista que era carpinteiro, tal como o construtor da igreja do Rio de Janeiro, onde empregou um teto liso caixotado que, embora usado originalmente na antiguidade clássica, foi recuperado pela tradição mudéjar e, depois, no Renascimento.

Mas, ao contrário da igreja carioca, a de Córdoba inexplicavelmente ficou com a fachada inconclusa, e nem sequer sabemos se houve um projeto. Além disso, possui duas torres e, como a primeira, tem um coroamento com capitel piramidal que – como apontamos – era de uso frequente nos domínios lusitanos (Fig. 10).

Destaca-se na igreja de Córdoba a pracinha como espaço de extensão do amplo átrio, cuja utilização para concentração de pessoas e estacionamento de carruagens produzia um efeito de hierarquização do templo. E no caso de Córdoba, tal como em grande parte dos traçados hispano-americanos, quase todas as igrejas contavam com este espaço urbano dentro do traçado formal quadricular.

Construtores e carpinteiros

Como no Rio de Janeiro havia dificuldade para conseguir materiais como a cal – que, por outro lado, abundava em Córdoba –, os materiais empregados foram os que se podiam encontrar à mão. Em Córdoba sobrava cal, mas não madeira, que foi trazida das aldeias próximas a Assunção. Mas este seria um problema menor ao lado da falta de profissionais, ou ao menos entendidos, que projetassem prédios e formassem construtores especializados para construí-los com a abundante mão de obra escrava africana.

Em 1572 se informou pela primeira vez o responsável técnico pela construção do colégio do Rio de Janeiro, destacando-se como tal o padre Alfonso Bras[12] "que deu cuidado das obras por ser grande carpinteiro". Efetivamente, foi o provincial Grã quem viajou ao Rio de Janeiro com o padre Bras e outros dois sacerdotes, além de três coadjutores, nomeando reitor o padre Blaz Lourenço e começando as aulas de latim para 19 estudantes.[13] Trabalharam na obra escravos entendidos em cantaria e alvenaria, de modo que em 1579 foi aberto um setor de salas de aula e residência. Mas à medida que se criavam novos cursos e se incrementava o alunado, o prédio ia constantemente crescendo. Assim, durante o provincialado do padre Francisco de Matos (1693-1698) iniciou-se um novo setor, que com suas pinturas e dourados foi concluído em 1701 (MONTEIRO DE CARVALHO, 1992, p. 69). Mas as obras não param aí, e agora com outra categoria funcional, entre 1706 e 1707 se ergue "um novo edifício com três corredores para hospital com duas grandes salas, uma para mulheres e outra para homens" (MONTEIRO DE CARVALHO, 1992, p. 57).

O do Córdoba nasceu vários anos depois, quando o provincial Diego de Torres se encarregou da jurisdição do Paraguai, em 1607, criando primeiro o Noviciado da província, cujos primeiros alunos formaram dois anos depois o Colégio Máximo.

12 Chegou na segunda expedição que se organiza em Lisboa, em 1550, junto com os padres Salvador Rodríguez, Manuel de Paiva e Francisco Pires. Sabemos que construiu o colégio da cidade de São Paulo, que ainda guarda alguns restos de muros. Em Vitória (Espírito Santo) fundou um colégio e uma igreja.

13 "História dos Collegios do Brasil. Manuscripto da Bibliotheca Nacional de Roma (cópia)". *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. V. 19, 1897, p. 130 e 135.

A chegada de arquitetos profissionais foi formalizada no século XVIII. Enquanto isso, os missionários não se encarregavam apenas das construções, mas também do traçado de povoados. Os padres Silverio Pastor, Ignacio Henart, Pedro de Espinosa, Antonio Sepp e Roque González de Santa Cruz participaram ativamente do traçado dos seus povoados e das construções. Nenhum era formado na arte de construir, o que os tornava mais permeáveis à iniciativa indígena. O P. Francisco del Vale escreveu sobre o último:

> Ele mesmo em pessoa é marceneiro, arquiteto e pedreiro; usa o machado e lavra a madeira, e a leva ao lugar da construção, enganchando ele mesmo, por falta de outro capaz, a junta de bois. Faz tudo sozinho. (LEONHARDT, 1927, p. 467)

Insistimos que essa falta de profissionalismo nos missionários deixou os índios com mais liberdade para continuarem usando seus métodos e suas técnicas construtivas para um hábitat transitório, que deixou de ter utilidade quando passaram a ser sedentários, empregando então técnicas europeias para maior conservação. Com as residências e colégios das cidades aconteceu algo similar, mas com a perda da mão de obra indígena se recorreu ao africano escravizado. A isto se somaram os jesuítas que vinham para América com profissões como carpinteiro, por exemplo.

Entre eles cabe mencionar Bartolomé Cardeñosa, chegado em 1622, e principalmente o francês Felipe Lemair (1608-1671) que chegou a Córdoba em 1640. Eles reinterpretaram os tratados existentes na época sobre o assunto, atuando não só nas construções das aldeias, mas também nos colégios, introduzindo as abóbadas de madeira nas igrejas, com a tecnologia do famoso arquiteto do Renascimento francês.

Logo depois da sua chegada, Lemair começou a participar da construção da igreja de Córdoba. Não chegou numa expedição jesuítica formal: depois de trabalhar em estaleiros da Europa, passou pelo Brasil e depois se dirigiu ao Paraguai, onde ingressou na Companhia de Jesus. Segundo sua nota necrológica (PAGE, 2000-2001, p. 219-222), Lemair, que era marceneiro e escultor, levou doze anos para construir

a igreja, que foi consagrada no mesmo ano da sua morte embora não estivesse concluída. Mas o sistema construtivo do seu teto foi utilizado em várias outras igrejas jesuíticas (Fig 11).

Conclusão

A península ibérica mandou os primeiros jesuítas às suas colônias americanas das duas Coroas em duas ocasiões, separadas por apenas duas décadas. Em 1567 já ficaram formalmente estabelecidas a província lusitana do Brasil e a hispânica das Índias Ocidentais. Tinham a clara tarefa de evangelização de naturais e colonos. A primeira, através das "aldeias" brasileiras e as *reducciones* hispânicas, que tendiam à concentração dos naturais em experiências já realizadas no continente por outras ordens religiosas e com resultados variados. Os europeus, enquanto isso, receberam nas cidades uma ampla educação que abrangia do ensino das primeiras letras à educação superior universitária.

Praticamente todas as cidades americanas contaram com colégios jesuíticos, mas quando este era instalado no centro administrativo da província o desenvolvimento educacional era mais amplo e abrangia, além da universidade, o Noviciado, onde se iniciavam os estudos, e a Residência, lugar reservado para os estudantes de outras cidades, onde também recebiam uma instrução em consonância com a da universidade.

Embora, como vimos, houvesse diferenças jurídicas importantes, as opções arquitetônicas não diferiam substancialmente. Portanto, encontramos semelhanças muito evidentes entre os colégios de Córdoba e do Rio de Janeiro. Principalmente no caráter funcional dos projetos, em relação ao qual as autoridades de Roma eram tão meticulosas. Não tanto no aspecto morfológico, pois os gerais davam certa liberdade no sentido de respeitar as arquiteturas regionais. A este respeito, temos que levar em conta que o barroco não influiu nesses projetos, muito menos *o Il Gesú*, impondo-se as tradições importadas da península que por sua vez respondiam à matriz romana.

Infelizmente o colégio do Rio de Janeiro foi demolido em 1922, e o de Córdoba não apenas sofreu muitas modificações como sua igreja ficou inexplicavelmente inconclusa nada mais, nada menos que em sua fachada. Isto faz com que nossa análise seja parcial, embora os

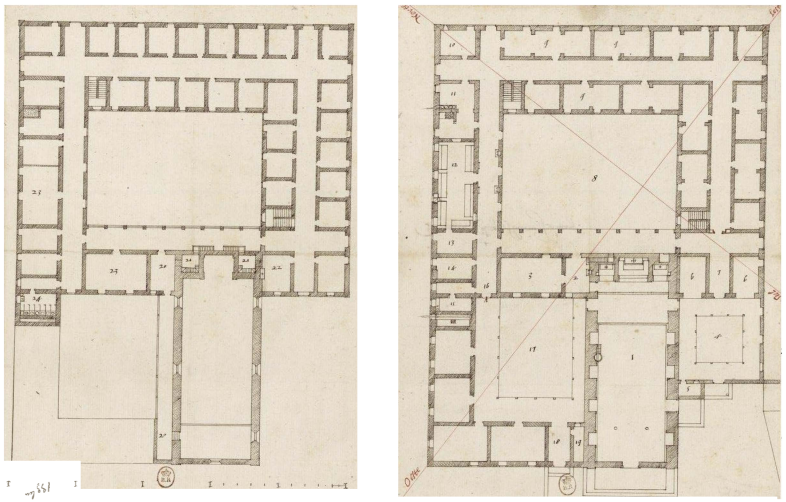
elementos de que dispomos sejam suficientes. Entre eles, e em primeiro lugar, reafirmando a hipótese de uma arquitetura funcional e sem imposições morfológicas.

Assim como Bösel afirma que a Itália teve um papel preponderante na arquitetura do período em que os antigos jesuítas atuaram (1540-1773), a Companhia de Jesus exerceu sua influência institucional, de todas as ordens, a partir de Roma.

Como o colégio do Rio de Janeiro tem seu correlato no São Roque peninsular, também é verdade que, como colônia espanhola,[14] não podemos deixar de mencionar que a igreja do Noviciado de Villagarcía de Campos se impôs a principio na região hispano-americana. O arquiteto castelhano Rodrigo Gil de Hontañón desenhou os planos com uma planta em cruz latina de uma única e ampla nave com capelas laterais, mas estrutura e ornamentação gótica, que depois foi transformada, com a intervenção de Pedro de Tolosa, num templo classicista herreriano, em uma oficina onde se formaram vários coadjutores depois transformados em arquitetos, aos quais se somou o artista italiano Giuseppe Valeriano, que ingressou como noviço em Villagarcía e depois foi designado visitador das igrejas e prédios de Castilla e Andaluzia (RODRÍGUEZ DE CEBALLOS, p. 360).

Também o colégio de Santiago em Medina del Campo, financiado pelo banqueiro Rodrigo de Dueñas, e de cujo traçado participou São Francisco de Borja e o padre Bartolomé de Bustamante. Mas era como todos os do final do século XVI, de construção muito simples, como também eram os americanos em sua primeira etapa. Os do Rio de Janeiro e Córdoba podem, assim incluir-se nesse período inicial ainda não atingido pelo barroco que, no caso de Córdoba, só encontraremos nos retábulos introduzidos no começo do século XVIII, como o do Noviciado, com um forte caráter barroco dado por suas colunas salomônicas (Fig. 12). Enquanto na igreja do Rio de Janeiro, que tinha um retábulo dedicado a Santo Inácio e dois a Nossa Senhora da Conceição, assistimos à transição do renascimento ao barroco em construções de final do século XVI e começo do seguinte (Fig. 13).

14 A província da Espanha foi criada em 1547, dividida em Castilha, Leon e Andaluzia em 1554, até que finalmente, em 1563, a de Toledo se separou da de Andaluzia, chegando assim até a expulsão.



P. Cristóvão de Gouveia que não se executou devido ao alto custo que significava cortar o morro. Bibliothèque Nationale de France, Rio de Janeiro M 133210 - Hd-4c, 133, ***Descriptio Collegy Fluminis Januarii.***

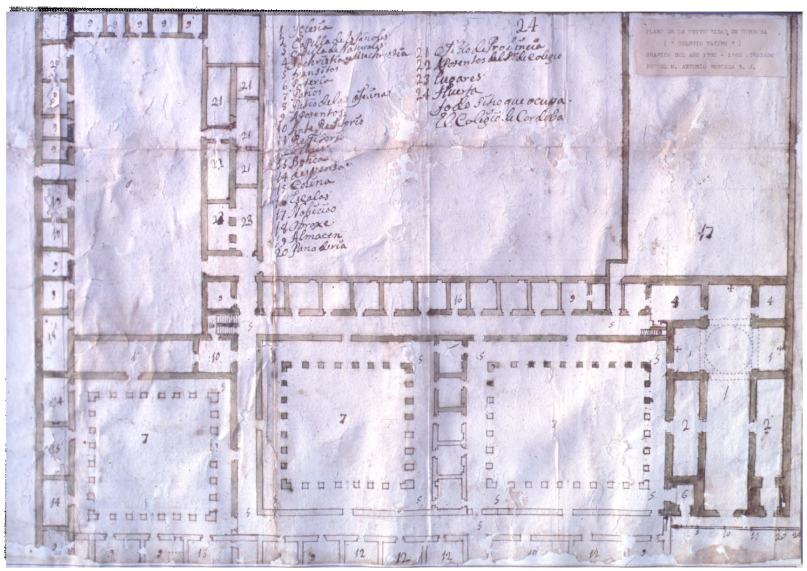


Fig. 2 Plano do Colégio de Córdoba, c. 1750, localizado hoje no Museu jesuítico de Jesus María, antes parte da desaparecida "Colección Forcada del Colegio de la Inmaculada de Santa Fe".

Fig. 3. Morro do Castelo com a Praça do Palácio e a Praça de Mercado. À esquerda, na parte mais alta, o colégio dos jesuítas. Biblioteca Nacional do Brasil Schutz, Jan Frederik, 1817-1888.

Fig. 4. Claustro do Colégio de Córdoba, com colunas, arcos e abóbadas originais, exceto o piso e bases de mármore revestidos no século XIX.

Fig. 5. Igreja jesuítica de São Roque, em Lisboa (1566), na atualidade.

Fig. 6. Igreja de Nossa Senhora da Graça e colégio da Companhia de Olinda.

Fig. 7. Igreja do colégio jesuítico do Rio de Janeiro antes de sua demolição, em 1918.

Fig. 8. Momento do desmoronamento do muro da igreja do colégio do Rio de Janeiro na demolição em 1922.

Fig. 9 Interior da igreja do colégio de Córdoba.

Fig. 10 Vista externa da igreja do colégio de Córdoba.

Fig. 11 Detalhe interior da cúpula construída com o sistema Delorme.

Fig. 12 Retábulo da capela do antigo Noviciado ou Capela Doméstica do começo do século XVIII.

Fig. 13 Um dos dois retábulos de Nossa Senhora da Conceição que, junto a grande parte do acervo jesuíta do Rio de Janeiro, se encontra na igreja da Nossa Senhora de Bonsucceso.

Referências bibliográficas

BÖSEL, Richard. "La *Ratio Aedificiorum* di un´instituzione globale tra autorita centrale e infinita del territorio". In: Mª Isabel Álvaro Zamora, Javier Ibáñez Fernández, Jesús Criado Mainar (orgs.). *La arquitectura jesuítica Actas del Simposio Internacional*. Zaragoza, 2010.

BÖSEL, Richard. *Jesuitenarchitektur in Italien 1540-1773*. Viena: Editora: Wien-Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1985.

BRAUN, Joseph. *Spaniens alte Jesuitenkirchen: ein Beitrag zur Geschichte der nachmittelalterlichen kirchlichen Architektur in Spanien*. Freiburg im Breisgau: Herder, 1913.

CARDIM, Fernão. *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Vincent, (S. Paulo), etc. Desde o anno de 1583 ao de 1590, indo por visitador o P. Chrisovam de Gouvea.* Lisboa, 1847.

CONSTITUCIONES *de la Universidad de Córdoba*, introdução do Dr. Enrique Martínez Paz, Universidad Nacional de Córdoba - Instituto de Estudios Americanistas, Córdoba, 1943.

COSTA, Lúcio. "A arquitetura dois jesuítas no Brasil". In: *ARS*, vol.8 n°.16, São Paulo, 2010, p. 139 (Original de Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n. 5, p. 105-169, 1941).

CROCE, Benedetto. *Storia dell'etá barroca in Italia. Pensiero, poesia e letteratura, vita morale.* Bari: G. Laterza & figli, 1929..

FURLONG SI, Guillemo SJ e BUSCHIAZZO, Mario J. "Arquitetura religiosa colonial". In: *Archivum* (Junta de Historia Eclesiástica Argentina), Tomo 1, caderno 2, Buenos Aires, 1943.

GALASSI PALUZZI, Carlo. *Storia segreta dello stile dei gesuiti.* Roma: Francesco Mondini Editore, 1951.

LEITE SI, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, T.1, Porto: Tipografia Porto Médico, 1938 e T.VIII, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949.

LEONHARDT SI, Carlos. *Documentos para la historia Argentina. Tomo XIX. Iglesia. Cartas anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús (1609-1614).* Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 1927..

MOISY, Pierre. *Les églises des jésuites de l'ancienne Assistance de France.* Roma: Institutum Historicum, SI, 1958.

MONTEIRO DE CARVALHO, Ana María Fausto. "Utopia e realidade. O Real Colégio de Jesus da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro". In: MONTEIRO DE CARVALHO, Ana María Fausto. (ed.) *A forma e a imagem. Arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro colonial.* Contributor, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Publisher, PUC-Rio, 1992.

OLIVEIRA MAIA, Lígio de. "Regulamentos das aldeias: da *Missio* ideal às experiências coloniais". In: *Outros Tempos*, Volume 5, número 6, dezembro de 2008.

PAGE, Carlos A. "La cubierta e pinturas de la iglesia de la Compañía de Jesús de la ciudad de Córdoba (Argentina)". In: *Artigrama* (Departamento de Historia del Arte de la Universidade de Zaragoza), N° 26, Ano 2011.

PAGE, Carlos A. "La nota necrológica sobre Felipe Lemair escrita en las Cartas Anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguai". In: *Anales. Del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas "Mario J.Buschiazzo".* Buenos Aires: Faculdade de Arquitetura, Desenho e Urbanismo. N° 35-36, Ano 2000-2001.

PAGE, Carlos A. "Las cartas de los generales Tirso González y Miguel Ángel Tamburini para la provincia del Paraguay <http://ciecs-conicet.gob.ar/revistas/index.php/ihs/article/view/12>". In: *IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamérica*, Ano 1 N° 1, CONICET-CIECS-UNC, 2013.

PAGE, Carlos A. *El Noviciado Córdoba de la provincia Jesuítica del Paraguay. Historia y recuperación arqueológica 1607-1990.* Córdoba: CIECS-CONICET-UNC, Báez ediciones, 2013.

PAGE, Carlos A. *La manzana jesuítica de la ciudad de Córdoba.* Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba-Universidad Católica de Córdoba, 1999.

PAGE, Carlos A. *Las otras reducciones jesuíticas. Convocación territorial, desarrollo urbano y arquitetónico entre los Siglos XVII e XVIII.* Madri: Editorial Académica Española, 2012.

RODRÍGUEZ G. DE CEBALLOS, Alfonso. "La arquitectura jesuítica en Castilla. Estado de la cuestión". In: ÁLVARO ZAMORA, M.ª Isabel; IBÁÑEZ FERNÁNDEZ, Javier; CRIADO MAINAR, Jesús (orgs.) *Atas del Simposio Internacional celebrado en Zaragoza del 9 al 11 de dezembro de 2010*, Zaragoza: IFC, 2012.

RODRÍGUEZ G. DE CEBALLOS, Alfonso. *La arquitetura de los jesuitas.* Madri: Ediciones Edelupa, 2002.

SANTOS, P. F. "Contribuicão ao estudo da arquitetura da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil". In: *Atas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.* Coimbra, 1963, p. 515-569.

STORNI SJ, Hugo. *Catálogo de los jesuítas de la Provincia del Paraguay (Cuenca del Plata) 1585-1768).* Roma: Institutum Historicum S.I. 1980.

VALLERY-RADOT, Jean. *Le recueil de plans d'édifices da Compagne de Jésus conservé a la Bibliothéque Nationale de Paris.* Roma: Institutum Historicum S.I., 1960.